

ALBERTO MARTINS • ARTHUR NESTROVSKI
PEDRO VASQUEZ • MOACYR SCLIAR • NINA HORTA
HUMBERTO WERNECK • REGINALDO PRANDI

Por trás daquela foto

**Contos e ensaios
a partir de imagens**

ORGANIZAÇÃO

Líliá Moritz Schwarcz e Thyago Nogueira



Copyright © 2011 by Os Autores

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Projeto gráfico

Flávia Castanheira

Foto de capa

© Destinations/ Corbis (DC)/ LatinStock

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Arlete Zebber

Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Por trás daquela foto: contos e ensaios a partir de imagens/
organização Lilia Moritz Schwarcz e Thyago Nogueira. –
São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Vários autores.

ISBN 978-85-359-1891-5

1. Contos – Coletâneas – Literatura 2. Fotografias
I. Schwarcz, Lilia Moritz. II. Nogueira, Thyago.

11-05381

CDD – 808.83

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos: Coletâneas: Literatura

808.83

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz ltda.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

7 APRESENTAÇÃO

11 **É sempre feriado nacional...**

Nina Horta, com Bob Wolfenson

29 **Chão sepulto**

Humberto Werneck, com Paulo Leite

43 **O futuro do passado: Pierre Verger,
com Vinicius e Obama**

Arthur Nestrovski, com Pierre Verger

65 **A fotografia e os cientistas**

Moacyr Scliar, com fotógrafo desconhecido

79 **Preconceito**

Reginaldo Prandi, com José Medeiros

101 **D. Pedro II e a fotografia, cara ou coroa**

Lilia Moritz Schwarcz, com Carneiro & Gaspar

131 **Alcatrazes**

Alberto Martins, com fotógrafo desconhecido

157 **De vistas, de chineses, da floresta e da fotografia**

Pedro Vasquez, fotógrafo

181 CRÉDITOS DAS FOTOGRAFIAS

182 SOBRE OS AUTORES E ORGANIZADORES

É sempre feriado nacional...

Nina Horta

Trabalho no bufê há uns quatro anos mais ou menos, nem sei direito, desde os meus quinze anos, e sempre saio às cinco horas quando não tem festa. Passo pelo velho todo dia para tomar o ônibus no largo de Pinheiros, justamente na hora em que ele abre a porta. É uma garagem, bem pertinho daqui, que ao abrir faz soar com estrondo aqueles rolos de metal. O velho é um homem forte, gordo mas socado, pernas cheias de varizes, usa sandálias de couro, short comprido cinzento e camiseta cavada, sem manga. Fico fascinada com seus cabelos fartos, anelados, prateados. De perfil é até bonito, parece aqueles imperadores romanos de livros de história, mas as poucas vezes em que olha para o meu lado, distraído, acho que tem os olhos redondos demais, e se está mastigando é tal e qual um boi. Não é feio. Grande, forte, grudado no chão.

Põe sua cadeira num canto, metade na garagem, metade na calçada, e abre uma mesa para quem possa aparecer. Como se quisesse dizer que está em casa, no bar e na rua, ao mesmo tempo. De verdade, é só isso que sei.

Tem um balcão, acho que com umas três garrafas, algumas moscas, não mais que meia dúzia de copos. Senta ali todos os dias só para beber e ouvir conversas. Nunca vi o homem falando. Todos os dias a mesma coisa. Acho que é para tomar a fresca, uma pinga e uma cerveja, jogar dominó, poder escarrar e tossir uma tosse das profundezas como um vulcão ativo. Primeiro era só ele, eu passava devagarzinho e ficava olhando com o rabo do olho, mas depois foi chegando gente, um sujeito aqui, outro ali, eu nem chamaria de amigos, qualquer um com sede. E arranjaram mais uma mesa e cadeiras. Com o tempo foi tomando forma de bar. Alguém fazia uns petiscos e passava da cozinha por um buraco na parede. Muitas vezes tive vontade de parar, sentar e tomar uma coca-cola, mas não ficaria bem, nunca vi nada tão clube do bolinha como aquela garagem que virou um bar.

Foi o modo que ele arranjou para se comunicar com outros e fugir da vida chata da casa, depois de aposentado. Recebe homens, como ele, que conversam sobre mulheres e futebol. O peito ronca, ele tosse, pigarreja, estica as pernas, mas consegue conviver com alguém. Contam umas anedotas cafajestes e falam uns palavrões em dia de jogo, pelo menos é o que percebi em restos de palavras e risadas. Lá dentro deve ter uma mulher que adorou aquele botequim que a afasta dos pigarros, das cusparadas, do jogo na tv, da conversa pouca, dos pés sujos na cozinha impecável com toalhinha de crochê. De

verdade, essa parte da mulher estou imaginando, inventando história, faço isso demais, adoro. Está para nascer outra inventadeira de vida dos outros como eu. Tem um gato preto, lambido de branco, cruz-credo, daqueles gatos de rua, que vivem pelas beiradas, pelos muros, e só chegam perto para filar uma sardinha. Quando viro a esquina vejo o gato sobre o muro que dá para o campinho de futebol. De vez em quando se embaraça nas pernas do velho, mas vive mesmo é pelos telhados.

Me mandaram embora do bufê. Assim, meio à toa, delicadamente, fingindo que quem queria ir embora era eu. A encarregada falou com voz melosa como se me adorasse, como se eu fosse a melhor funcionária da firma. “Aqui não tem espaço para você crescer, você é inteligente, cheia de possibilidades.”

“Mas... então, por quê?”

“Resolveram arranjar sangue novo, sabe como é, os cozinheiros que entram querem ter sua própria equipe.” Enrolou mais um pouco, mas nem prestei muita atenção, já com a cabeça no que iria fazer. Me abraçou e desejou felicidades, puta que o pariu: “A casa vai estar sempre aberta para você, apareça, vamos sentir saudades, mas sabe como é...”

Tô sabendo mesmo, faz tempo. Primeiro é não deixar ninguém com mais de cinco anos de casa, por causa

dos “dereitos”, como eles falam que nós falamos. Nunca sei de que lado sou. Meia patroa, meia empregada, segurando as pontas. Isso foi coisa do gerente novo. Nem conhecem a gente, pensam que conhecem e ficam inventando moda pra mostrar serviço. Odeiam as empregadas, porque não gostam de mulheres, porque têm medo de inteligência, de boniteza, de educação, de escola, mesmo. Odeiam segundo grau. Odeiam gente que lê. Toda a raiva deles vai para quem pode vir a ser gerente, como eles. Tem sempre um babaca que entra pensando que é o maior e que vai cozinhar para o presidente da República e ficar famoso só porque saiu de uma faculdade de culinária. E põe aquela florzinha de tomate no arroz e cruzes. Vai ficar famoso só se der um tiro na boca do presidente, é o que penso, mas nem digo. Falei foi: “Parece que tem vaga no bufê das meninas. Quem sabe elas me pegam para trabalho de escritório”. Só para implicar. Elas trabalhavam aqui, deu briga, saíram e montaram outro bufê nesta mesma rua, Costa Carvalho. Nunca conversei sobre esse assunto com as patroas, que são duas, mas sei tudinho que aconteceu. Na cozinha ficamos sabendo de absolutamente tudo que escondem de nós. Todos adoraram contar os segredos dos outros, desde o motorista e as empregadas das casas, até a secretária mais importante, sem contar as copeiras que andam de casa em casa dos clientes. Valia mais imprimir os lucros de cada festa, o salário de cada um, as fofocas, quem é que entrou, por

que saiu, e grudar na porta, ficaria bem mais às claras e sem saia justa. Mas, no dia em que me meti num papo com uma das patroas, conversando sem fingimento com ela, como se fosse com outra empregada, ela foi ficando mais branca do que já era. Começando com o nosso pessoal da cozinha, mesmo. O Milton que não gostava da Sueli, pôs o retrato dela no cemitério, deu a maior briga e foi por isso que ele espetou uma faca enorme na bunda da moça, o que nem doeu muito por causa dos cento e setenta quilos dela, mas ela deu parte na polícia. E a menininha nova que foi voltando para casa com o noivo e pimba, um tiro na cabeça do noivo e ela se danou a correr, e voltou para o interior. Ninguém mais conseguiu fazer um charutinho de uva igual ao dela, levou o segredo para Penápolis. E tinha o motorista que ia abrindo a camisa no peito cabeludo à medida que o mês passava, a Nalva dizia que ele ficava no cio e, se alguém não prestasse atenção, acabava o mês nu. E quando avisaram que o filho dele foi morto, se conformou na hora, disse que o menino era das drogas e que mais dia menos dia iria acabar assim. Só que naquele dia fechou a camisa.

Ai, ai, ai, me distraí.

É, passei mesmo a porta do bufê das meninas, pelo menos não vi nome nenhum, mas de repente me deu outra ideia. E se pedisse emprego no velho das varizes, talvez ele aceitasse, e quem sabe eu poderia dormir lá, o quarto que alugo no Embu vai ficar mais caro ainda e

passo metade da vida dentro de um ônibus. Nem estou me queixando, não, o ônibus é meu divertimento, não tem patrão, namorado ou marido pra ficar te dando serviço, as caras variam, outras não, você encontra sempre e até faz amizade. Vou parar no velho, não tenho nada a perder.

Fiquei lá direto. Só fui no domingo pegar minha roupa em casa e voltei. Naquele dia que cheguei nem tinha nenhum cliente, o velho me fez sentar no banquinho e começou:

“Quer uma cerveja?”, com voz forte e decidida. Fala pouco, mas fala grosso.

“Não bebo, não senhor.” Percebi que não estava bêbado, também era muito cedo.

“Tem pai e mãe, parente, é casada?”

Respondi meio sobressaltada: “Tenho não senhor, sou sozinha”. Tive um pouco de medo dele, mas foi passando. Poxa, o homem queria saber tudo ao mesmo tempo, eu nem preparada estava. Eu, hein. Nem tinha pensado no meu currículo. Ah, ah. Eu é que arquivava os currículos no bufê e entendia do assunto. Quanto maior o currículo, maior a incompetência. Juro. Sabe aqueles que escrevem “uma hora de aula de confeitaria na Tiuma Cavezzi”, como se fosse a coisa mais importante do mundo? Não vai saber fazer nada, pode arqui-

var. Ou quando começam a contar como enfeitam os pratos com cebolinha verde e violetas, esquece. Tem mesmo é que ter força para enfiar trinta pernis nos fornos quentes. Violetinha... Vamos combinar. Cozinha é uma coisa que precisa ter coragem, se jogar, senão não aprende nunca.

O velho se chamava Crioulo, branco como a neve, e é claro que eu não iria chamá-lo de Crioulo nunca. Seu Crioulo? Também, não. Ele me olhou um tempo, pensando os prós e os contras. Ganharam os prós ou ele estava a perigo, mesmo. Lá dentro era uma sala com mesinha redonda de jantar e um sofá com a tv na frente. Um quarto com uma cama e cômoda. Banheirinho e cozinha. Para mim, um puxado lá fora, com um toldo engraçado, quarto sem janela, um depósito na verdade, mas eu podia deixar a porta aberta se não tivesse medo nem de gato nem de ladrão nem de galinha. Nem de ladrão de galinha. Galinha tinha duas, a vizinha me contou depois que foi aniversário do filho, ela fez festa com bolo, tudo enfeitado com ovos pintados, e deu de lembrança dois pintinhos para cada criança, só que a maioria das mães não deixou o filho levar, que era judiação, que iam deixar os pobrezinhos morrerem, e ela micou com um galinheiro inteiro. E que aquelas duas ela deu pro velho, ele nem agradeceu e deixou lá para o que desse e viesse, mas sobreviveram bem, viviam como amigas o dia inteiro, ciscando de tudo um pouco. Botavam ovo, cacareja-

vam. E de tardezinha faziam um barulho gostoso, quase como pombos, gruuu, gruuu, dava vontade de dormir com elas.

O serviço que eu tinha era levantar de manhã, comprar o pão, fazer o café, botar na mesa com a margarina, e dar uma boa limpeza na garagem, ou no bar. Coisa fácil, não sujava quase nada e eu deixava tudo brilhando. Depois que ele abria a porta do bar, era ficar de olho se aparecia algum cliente, e se aparecia eu fazia cara de você-quer-alguma-coisa, ou até perguntava você quer alguma coisa. Às vezes pediam um sanduíche de mortadela, outras, de queijo, eu arrumava direitinho, cortava no meio, enviesado, o pão estalava e soltava umas cascas que eu limpava, punha um guardanapo de papel num pratinho branco e passava pelo buraco da sala. Quem cobrava era ele, mas não tinha máquina, nada, era uma caixa com tampa, um cofre de papelão que ele guardava na gaveta da cômoda e de vez em quando me dava dinheiro de lá para alguma coisa. E todas essas coisas bobas eram a vida, eram um todo, um zonzobom. Só sentia um pouco de saudade do computador. É que na Costa Carvalho não tem lan house.

A minha mania virou limpar. Limpar com maiúscula. Limpava até o teto. Ele começou a gostar de mim. No começo parecia até mudo, aquele homem devia guardar uma coisa estranha qualquer dentro dele que só queria esconder com aquela cachaça toda.